

O que a Esquerda deveria aprender com os evangélicos



Apresentação

ACILINO RIBEIRO

Organização

Núcleo de Base de Comunidades Religiosas e Estudos Teológicos do MPS \ PSB
Texto base da palestra debate sobre Teologia Política aos militantes do MPS
Movimento Popular Socialista / Partido Socialista Brasileiro

APRESENTAÇÃO

Dentro da perspectiva de construirmos um posicionamento político fundamentado nos princípios éticos do cristianismo e na estratégia de luta do marxismo, o Núcleo de Base de Comunidades Religiosas do MPS \ PSB, composto em sua maioria por católicos e evangélicos, mas também por ortodoxos e outras ramificações do pensamento político e religioso do Cristo militante, socialista e revolucionário, em defesa dos direitos humanos, das liberdades democráticas, do meio ambiente, da paz mundial e de diversas outras causas políticas e sociais, apoiarei de imediato a realização do Seminário que estão propondo e a publicação de vários textos no sentido de buscar compreender os conceitos teóricos dessa caminhada como também o sentido prática da luta que querem desenvolver.

Por esta razão fiz a apresentação deste texto selecionado na INTERNET que muito me chamou a atenção e por demais recomendo seja lido por nossa militância para assim construirmos um Novo PSB, que contribua para a construção de uma Nova Esquerda e uma Nova Internacional.

Assim acredito que o tipo mais desprezível de religioso é aquele fundamentalista que ameaça o

rebanho com “a ira do Senhor”, achando que Deus é jagunço pessoal dele e Jesus seu carcereiro.

Como cristão-marxista em meus princípios e marxista-cristão em minhas estratégias prevejo um longo caminho, mas sabendo onde queremos chegar e o que queremos construir.

Precisamos saber conversar com os evangélicos. E mostrar-lhes que nosso Deus não é o Deus de Bolsonaro, que o nosso é o Deus do Bem, dos Direitos Humanos, do Meio Ambiente, da Paz Mundial, da Solidariedade, da Reforma Agrária na terra e no céu e não o da tortura, da homofobia, da xenofobia, do racismo e do militarismo, como prega o próprio e seus “pastores” mercantilistas das igrejas-bancos e financeiras. O nosso Deus é aquele que ditou o evangelho e que eles foram enganados por um falso “Messias”. Nosso Deus é aquele que pregou o primeiro Manifesto Socialista da história que é o Sermão da Montanha que diz: “ Dai de comer a quem tem fome e água a quem tem sede” e “Amai-vos uns aos outros como eu nos amei”, dito e repetido nas obras marxistas com outras palavras e gestos.

Nosso Deus é o da Resistência mas também o da Libertação, e da Revolução Humanista e Cidadã.

ACILINO RIBEIRO – Secretário Nacional do PSB – Coordenador Nacional do MPS

No Brasil, um novo confronto, na forma como dado e cada vez mais evidente e violento, será o mais inútil de todos: o do esclarecimento político contra o obscurantismo religioso, principalmente o evangélico, pentecostal ou, mais precisamente, o neopentecostal. Lamento informar, mas na briga entre os dois barbudos – Marx e Cristo – fatalmente perderemos: o Nazareno triunfa. Por uma razão muito simples, as igrejas são o maior e mais eficiente espaço brasileiro de socialização e de simulação democrática. Nenhum partido político, nenhum governo, nenhum sindicato, nenhuma ONG e nenhuma associação de classe ou defesa das minorias tem competência e habilidade para reproduzir o modelo vitorioso de participação popular que se instalou em cada uma das dezenas de milhares de pequenas igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais no Brasil. Eles ganharão qualquer disputa: são competentes, diferentemente de nós.

Muitos se assustam com o poder que os evangélicos alcançaram: a posse do senador Marcello Crivela, também bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, no Ministério da Pesca e a autoridade da chamada “bancada evangélica” no Câmara dos

Deputados são dois dos mais recentes exemplos. Quem se impressiona não reconhece o que isso representa para um a cada cinco brasileiros, o número dos que professam a fé evangélica ou pentecostal no Brasil. Segundo a análise feita pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), a partir dos microdados da Pesquisa de Orçamento Familiar 2009 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a soma de evangélicos pentecostais e outras denominações evangélicas alcança 20,23% da população brasileira. Outros indicadores sustentam que em 1890 eles representavam 1% da população nacional; em 1960, 4,02%.

O crescimento dos evangélicos não é um milagre, é resultado de um trabalho incansável de aproximação do povo que tem sido negligenciado por décadas pelas classes mais progressistas brasileiras. Enquanto a esquerda, ainda na oposição política, entre a abertura democrática pós-ditadura e a vitória do primeiro governo popular no Brasil, apenas esbravejava, pastores e missionários evangélicos percorreram cada canto do país, instalaram-se nas regiões periféricas dos grandes centros urbanos, abriram suas portas para os rejeitados e ofereceram,

em muitos momentos, não apenas o conforto espiritual, mas soluções materiais para as agruras do presente, por meio de uma rede comunitária de colaboração e apoio. O que teve fome e dificuldade, o desempregado, o doente, o sem-teto: todos eles, de alguma forma, encontraram conforto e solução por meio dos irmãos na fé. Enquanto isso, a esquerda tinha uma linda (e legítima) obsessão: “Fora ALCA!”.

"O crescimento dos evangélicos não é um milagre, é resultado de um trabalho incansável de aproximação com o povo"

O mapa da religiosidade no Brasil revela nossa incompetência social: os evangélicos e pentecostais são mais numerosos entre mulheres (22,11% delas; homens, 18,25%), pretos, pardos e indígenas (24,86%, 20,85% e 23,84%, respectivamente), entre os menos instruídos (sem instrução ou até três anos de escolaridade: 19,80%; entre quatro e sete anos de instrução: 20,89% e de oito a onze anos: 21,71%) e na região norte do país, onde 26,13% da população declara-se evangélica ou pentecostal. O Acre, esse Estado que muitos acham que não existe, blague infantilmente repetida até mesmo por esclarecidos militantes de esquerda, tem 36,64% de evangélicos e pentecostais. É o Estado mais evangélico do país. Simples: a igreja falou aos corações e mentes daqueles com os quais a esquerda nunca verdadeiramente se importou, a não ser em suas dialéticas discussões revolucionárias de gabinete, universidade e assembleia.

O projeto de poder evangélico não é fortuito. Ele não nasceu com o governo Dilma Rousseff. Ele não é resultado de um afrouxamento ideológico do PT e nem significa, supõe-se, adesão religiosa dos quadros partidários. Ele é fruto de uma condição queiram, até o fim dos tempos. E agora muitos militantes, indignados com a presença deles no poder, os rechaçam com violência, como se isso resolvesse o problema fundamental que representam.

"A esquerda nunca dialogou com os evangélicos, nunca lhes apresentou seus planos, nunca lhes explicou sequer o valor do Estado Laico"

Apenas quem foi evangélico sabe que a experiência da igreja não é puramente espiritual. E é nesse ponto que erramos como esquerda. A experiência da igreja envolve uma dimensão de resistência que é, de alguma forma, também política. O “não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso espírito” (Paulo para os Romanos, capítulo 12, versículo 2) é uma palavra de ordem poderosa e, por que não, revolucionária, ainda que utilizada a partir de um ponto de vista conservador.

evangélica do país e de uma sistemática ação pela conquista do poder por vias democráticas, capitalizada por uma rede de colaboração financeira de ofertas e dízimos. Só não parece legítimo a quem está do lado de fora da igreja, porque, para cada um dos evangélicos e pentecostais, estar no poder é um direito. Eles não chegaram ao Congresso Nacional e, mais recentemente, ao Poder Executivo nacional por meio de um golpe. Se, por um lado, é lamentável que o uso da máquina governamental pode produzir intolerância e mistificação, por outro, acostumemo-nos, a presença deles ali faz parte da democracia. As mesmas regras políticas que permitiram um operário, retirante nordestino e sindicalista chegar ao poder são as que garantem nas vitórias e posse de figuras conhecidas das igrejas evangélicas a câmaras de vereadores, prefeituras, governos de Estado, assembleias legislativas e Congresso Nacional. O lema “un homme, une voix” (“um homem, uma voz”) do revolucionário socialista L.A. Blanqui (1805-1881), “O Encarcerado”, tem disso.

Afora a legitimidade política – o método democrático e a representação popular não nos deixam mentir – a esquerda não conhece os evangélicos. A esquerda não frequentou as igrejas, a não ser nos indefectíveis cultos preparados como palanques para nossos candidatos demonstrarem respeito e apreço pelas denominações evangélicas em época de campanha, em troca de apoio dos crentes e de algumas imagens para a TV. A esquerda nunca dialogou com os evangélicos, nunca lhes apresentou seus planos, nunca lhes explicou sequer o valor que o Estado Laico tem, inclusive como garantia que poderão continuar assim, evangélicos ou como

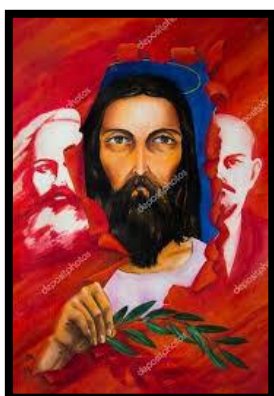
Em nenhuma organização política o homem comum terá protagonismo tão rápido quanto em uma igreja evangélica. O poder que se manifesta pela fé, a partir da suposta salvação da alma com o ato simples de “aceitar Jesus no coração como senhor e salvador”, segundo a expressão amplamente utilizada nos apelos de conversão, transforma o homem comum, que duas horas antes entrou pela porta da igreja imundo, em um irmão na fé, semelhante a todos os outros da congregação. Instantaneamente ele está apto a falar: dá-se o testemunho, relata-se a alegria e a emoção do resgate pago por Jesus na cruz. Entre os que estão sob Cristo, e são batizados por imersão, e recebem o ensino da palavra, e congregam da fé, não há diferenciação. Basta um pouco de tempo, ele pode se candidatar a obreiro. Com um pouco mais, torna-se elegível a presbítero, a diácono, a liderança do grupo de jovens ou de mulheres, a professor da

escola dominical. Que outra organização social brasileira tem a flexibilidade de aceitação do outro e a capacidade de empoderamento tal qual se veem nas pequenas e médias igrejas brasileiras, de Rio Branco, das cidades-satélites de Brasília, do Pará, de Salvador, de Carapicuíba, em São Paulo, ou Santa Cruz, no Rio de Janeiro? Nenhuma.

Se esqueçam dos megacultos paulistanos televisionados a partir da Av. João Dias, na Universal, ou da São João, do missionário R.R. Soares. Aquilo é Broadway. Estamos falando destas e outras denominações espalhadas em todo o território nacional, pequenas igrejas improvisadas em antigos comércios – as portas de enrolar revelam a velha vocação de uma loja, um supermercado, uma farmácia – reuniões de gente pobre com sua melhor roupa, pastores disponíveis ao diálogo, festas de aniversário e celebrações onde cada um leva seu

prato para dividir com os irmãos. A menina que tem talento para ensinar, ensina. O irmão que tem uma van, presta serviços para o grupo (e recebe por isso). A mulher que trabalha como faxineira durante a semana é a diva gospel no culto de domingo à noite: canta e leva seus iguais ao júbilo espiritual com os hinos. A bíblia, palavra de ninguém menos que Deus, é lida, discutida, debatida. Milhares e milhares de evangélicos em todo o país foram alfabetizados nos programas de Educação de Jovens e Adultos (EJAs) para simplesmente “ler a palavra”, como dizem. Raríssimo o analfabeto que tenha sido fígado pela vontade ler “O Capital”, infelizmente. As esquerdas menosprezaram a experiência gregária das igrejas e permaneceram, nos últimos 30 anos, encasteladas em seus debates áridos sobre uma revolução teórica que nunca alcançou o coração do homem comum. Os pastores grassaram.

LINK - <http://sensho.posterous.com/o-que-a-esquerda-deveria-aprender-com-os-evan>



Universidade de Políticas
do
Movimento Popular

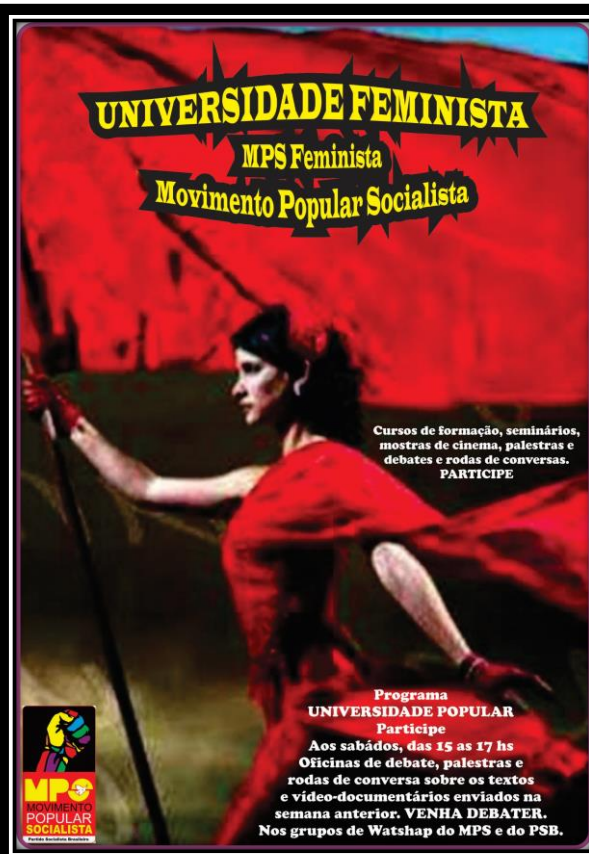


UNIPOP - MPS

Escola de Quadros e Lideranças
do
MPS
Movimento Popular Socialista

Apoio
PSB - FJM

UNIVERSIDADE FEMINISTA
MPS Feminista
Movimento Popular Socialista



Cursos de formação, seminários,
mostras de cinema, palestras e
debates e rodas de conversas.
PARTICIPE

Programa
UNIVERSIDADE POPULAR
Participe
Aos sábados, das 15 as 17 hs
Oficinas de debate, palestras e
rodas de conversa sobre os textos
e vídeo-documentários enviados na
semana anterior. **VENHA DEBATER.**
Nos grupos de Watshap do MPS e do PSB.

